

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS AUTISTAS: uma revisão bibliográfica.

Pollianny Ramos Lopes¹
Karina Leão de Mello²

RESUMO: O presente estudo explana sobre a importância da conexão afetiva para o desenvolvimento global de crianças com transtorno do espectro autista. Por meio de análise na literatura foi possível destacar, em primeiro lugar, a contribuição significativa do vínculo familiar e posteriormente, a intervenção humanizada e qualificada de profissionais da saúde para crianças com TEA que, deve contribuir de maneira significativa para o melhor desempenho e comportamento dessas crianças. Conclui-se que, um aspecto ressaltante para o tratamento eficaz do autismo sem dúvida é a afetividade. O carinho, cuidado, atenção e dedicação recebidos no ambiente familiar, influenciam de forma imprescindível ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e conseqüentemente, comportamental, por ser o ambiente de primeiro e maior contato da criança com TEA em seu dia a dia. Além disso, Professores e Profissionais da Saúde, como por exemplos: Educação Física, Terapeutas Ocupacionais, Psicomotricistas e Fisioterapeutas também deverão dedicar igual sentimento às crianças com TEA, de maneira estimuladora e desafiadora, fora do ambiente doméstico. Enriquecendo, dessa maneira, o vínculo afetivo por meio de intervenções mais agradáveis e pensadas nas necessidades de cada criança com TEA. Vale destacar que, de maneira geral, o ser humano é dotado de forças cognitivas diversas, logo, não devemos realizar comparações equivocadas em crianças com TEA, mas acreditar e investir em suas distintas habilidades.

Palavras-chave: Autismo. Afetividade. Desenvolvimento. Família. Comportamento.

ABSTRACT: The present study explains the importance of the affective connection for the global development of children with autism spectrum disorder. Through analysis in the literature, it was possible to highlight, firstly, the significant contribution of the family bond and, subsequently, the humanized and qualified intervention of health professionals for children with ASD, which should significantly contribute to the better performance and behavior of these children. It is concluded that, without a doubt, an outstanding aspect for the effective treatment of autism is affectivity. The affection, care, attention and dedication received in the family environment, have an essential influence on their cognitive, emotional, motor and, consequently, behavioral development, as it is the environment of first and greatest contact of children with ASD in their daily lives. In addition, Teachers and Health Professionals, such as: Physical Education, Occupational Therapists, Psychomotorists and Physiotherapists should also dedicate the same feeling to children with ASD, in a stimulating and challenging way, outside the home environment. Enriching in this way, the

¹ Pós-graduada em Psicomotricidade Institucional e Clínica pelo Instituto IPB. E-mail: pollianny.lopes@hotmail.com

² Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart, Itáúna-MG. Graduada em Ciências, Matemática e Pedagogia. Mestra em Educação.

affective bond through more pleasant interventions and thought about the needs of each child with ASD. It is worth noting that, in general, human beings are endowed with diverse cognitive strengths, so we should not make mistaken comparisons in children with ASD, but believe and invest in their different abilities.

Keywords: Autism. Affectivity. Development. Family. Behavior.

1 INTRODUÇÃO

O autismo (TEA) é distúrbio no neurodesenvolvimento que geralmente surge até os três primeiros anos de vida e compromete, principalmente, as habilidades de comunicação, interação social, afetando diretamente no comportamento dessas crianças (FIORE-CORREIA & LAMPREIA, 2012; AGUIAR, 2015).

Dentro do espectro autista, podemos depararmo-nos com diferentes manifestações de contato, que vão desde a aceitação no próprio convívio familiar com demonstrações de carinho, afeto e diálogos, até uma total renúncia às tentativas de aproximação externa (MOLLICA, SANTOS, 2017).

Ter uma criança com TEA implica numa mudança completa na rotina do lar, pois o autismo requer uma dedicação especial por parte de todos os membros da família, e em sua maioria, apresenta dificuldade na aceitação, ou não apresentam o devido conhecimento e tratamento para este transtorno neuroatípico. Ocasionalmente um atraso expressivo no desenvolvimento dessas crianças (MOLLICA, SANTOS, 2017). Comprovando assim, a incessante necessidade de investigação sobre o tema que tanto chama a atenção da população, que associa o autismo às estereotípias clássicas do TEA (FIORE-CORREIA & LAMPREIA, 2012; MOLLICA, SANTOS, 2017).

Diante do aumento acerca da identificação precoce dos primeiros sinais do TEA, antes mesmo dos dois primeiros anos de vida, intervenções de caráter desenvolvimentista visam compreender o desenvolvimento de crianças autistas sob comparação do mesmo processo, sendo de crianças neurotípicas, de modo a reverter ou amenizar dificuldades iniciais, minimizando as chances de desenvolver ao longo do tempo, outras dificuldades cognitivas, motoras e relacionais (LAMPREIA & LIMA, 2008; FIORE-CORREIA & LAMPREIA, 2012).

Entre os aspectos relevantes para o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças autistas, estão os laços afetivos e a inclusão social (MOLLICA, SANTOS, 2017).

O ambiente social é responsável por grandes transformações, e é no convívio social que ocorre o desenvolvimento de suas potencialidades, por meio de estímulos variados e contínuos. Em contrapartida, a ausência de uma dinâmica comunicativa, para além da compreensão das emoções e sentimentos, existe também, o compartilhar do mesmo espaço com o outro, sendo este neuroatípico ou não. Demonstrando dessa maneira que, tais aspectos interferem diretamente no desenvolvimento global de crianças com TEA, por influenciarem na autoconfiança dessas crianças e na autopercepção do ambiente. Pois, cada espaço de convivência, provoca reações diferentes e internas nessas crianças, além do toque físico nas brincadeiras e atividades direcionadas para o seu desenvolvimento global (TEIXEIRA, 2006).

Segundo Teixeira (2016), da mesma maneira que existem crianças que interagem naturalmente e frequentam lugares com grande concentração de pessoas – sem apresentar problema algum, existem casos de crianças com autismo mais severo, onde a multidão, luzes e sons tornam-se insuportáveis, ocasionando reações imprevisíveis tais como: birras, autoagressões, choro intenso ou gritos e tentativa de isolamento.

Esta ausência de comunicação social é considerada como uma síndrome comportamental que impede o relacionamento de crianças com TEA em estar contato com outras pessoas. Tendo em vista os cuidados especiais que devem receber essas crianças. Sendo necessária uma dinâmica familiar e escolar, voltada a todos os aspectos do seu desenvolvimento, visando abrandar a exclusão social ao qual elas estão sujeitas (TEIXEIRA, 2006).

E dentro da relação familiar deve existir espaço para o sentimento de segurança e pertencimento, indispensáveis para o relacionamento com o mundo externo. Esta dinâmica resultará em confiança, indispensável para o seu relacionamento fora do convívio familiar, principalmente no convívio escolar e outros ambientes. Dessa maneira, temos o estímulo afetivo como à base para novas conquistas e desenvolvimento cognitivo e motor das crianças com transtorno de espectro autista, dentro e fora do ambiente doméstico (MOLLICA, SANTOS, 2017).

Assim, o objetivo desse estudo foi demonstrar a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento global de crianças autistas, por meio de uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório e com abordagem qualitativa.

Desse modo, para a sua realização, foi necessária a leitura e análise de artigos científicos, totalizando 18. Publicados em revistas especializadas sobre o tema deste estudo, as quais estão indexadas em bases eletrônicas: *Scielo e Webartigos*.

Este tema foi escolhido em decorrência de sua relevância, pois mesmo diante de cuidados técnicos e clínicos validados pela ciência, ainda sim, incorporar práticas mais humanizadas, no sentido de envolver a criança com TEA emocionalmente, demonstra a importância de um tratamento mais completo. Uma vez que, encontramos uma diversidade de pacientes que beneficiam-se com esse tratamento mais civilizado, justamente por promover acolhimento e conseqüentemente, maior expectativa de vida para esse público.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 AUTISMO NO CONTEXTO FAMILIAR E AFETIVIDADE

Proporcionar uma educação familiar que permita um convívio social com menos ruídos na comunicação, com respeito do espaço e papel de cada membro, apresentando bom suporte educacional e uma formação escolar de qualidade, exige uma expressiva demanda física, emocional e financeira. E é por meio da afetividade, do bom acolhimento, que esses aspectos fluem. Nesse contexto, a criança autista estará preparada para criar novos laços sociais (SILVA, 2009; MOLLICA, SANTOS, 2017).

Dentro da dinâmica familiar nem sempre todos os membros têm uma vida saudável. Apresentando diferenças de pensamentos e ações que podem contribuir ou desestruturar este ambiente, seja por ciúme, instabilidade emocional ou devido à intensa necessidade de cuidados especiais, por um ou mais membros que a compõe (MOLLICA, SANTOS, 2017).

Nesse sentido, ter uma criança autista é levar em consideração seus aspectos particulares de compreensão e interação com o mundo. Passando a existir uma força tarefa em torno dela: preocupações sobre a sua genética, personalidade, futuro, amor, medo e carinho, estereotípias, comportamento e interação social. E dentro dessa dinâmica familiar, pode acontecer mudanças em relação aos aspectos afetivos-emocionais de seus cuidadores e como consequência, ocorrem prejuízos na psicodinâmica familiar (MONTE, PINTO, 2015).

Investir no desenvolvimento da criança com TEA é fundamental para que se instale paulatinamente a autoconfiança, por meio do incentivo e relação mãe-criança autista ou cuidador-criança autista. Dessa maneira, é possível obter resultados positivos na fala e

comportamento, devido à afetividade recebida por esta criança na família que aceita a sua condição e procura acolhê-la paralelamente às intervenções de profissionais qualificados. Acreditando na sua evolução progressiva e desenvolvimento de suas potencialidades (MOLLICA, SANTOS, 2017).

Um problema enfrentado pelas famílias com criança autista é o julgamento e pré-conceito que uma parte da sociedade realiza, comprometendo a autoconfiança e interação social tanto da criança como também, de seus cuidadores. A família desfavorecida de suporte emocional e financeiro, vivencia a desvalorização e a exclusão dessa criança em ambientes onde ela deveria ser acolhida e socializar normalmente (MONT, PINTO, 2015).

Quando a criança autista recebe os devidos cuidados, começando pelo suporte familiar, ela será mais autoconfiante e independente. Sendo a afetividade o caminho indispensável no seu desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e comportamental. E quando o esforço familiar atrelado às intervenções profissionais qualificadas é unificado, significa que a sua comunicação, inter-relação com pessoas e ambientes, e por fim, a sua forma de conectar-se com o mundo, será enriquecedora e mais proveitosa em todos os sentidos (SCHMIDT, 2024; MOLLICA, SANTOS, 2017).

2.2 AUTISMO E INTERAÇÃO SOCIAL

É sabido que uma das primeiras e mais afetada área do desenvolvimento de crianças com TEA é a comunicação, o que afeta diretamente na interação social (BOSA, 2001).

Sendo um desafio intrínseco delinear acerca do valor afetivo de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista, devido esses sujeitos enfrentarem dificuldades significativas em suas próprias relações com o mundo. A influência mútua social é um dos principais componentes comprometidos em pessoas com TEA, pois o contato físico pode conceber aproximação ou causar repúdio por parte delas (MARINO, MERKLE, 2009; PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Quando há comprometimento e compreensão sobre o processo de interação de crianças com TEA com ambientes externos ao doméstico, envolvendo também os profissionais que acompanham seu desenvolvimento, pode-se construir um processo de ensino-aprendizagem-desempenho-desenvolvimento global menos evasivo e assim, promover

acolhimento e respeito, dentro do tempo resposta de cada criança com TEA (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Com base nas defesas de grandes estudiosos em psicologia comportamental-relacional como por exemplos, Piaget e Vigotski, temos que interação social é essencial e determinante no processo de aprendizagem, como também no desenvolvimento global humano, pois ela exerce uma influência recíproca, de ação dialética com o mundo. Significa dizer que, quanto mais significativa e intensa for a relação, mais ela favorecerá o desenvolvimento e a aprendizagem da criança (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Não obstante, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, considera que um transtorno de neurodesenvolvimento que ocasiona comprometimento nas interações sociais, pode provocar isolamento e desinteresse pelo outro e dentro desse aspecto, o autismo gera uma relação atípica a objetos, eventos, lugares e pessoas (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

De acordo com uma observação de algumas crianças com TEA por Kanner (1943), constatou que essa condição de isolamento extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia são fortes evidências que crianças autistas apresentariam uma dificuldade inata na relação emocional com outras pessoas e ambientes.

Em paralelo, temos os achados de Baron-Cohen *et al.* (1985) onde explicam por meio da teoria cognitiva que, a dificuldade de comunicação interação de crianças com TEA é originalmente cognitiva. Dentro dessa perspectiva, a criança com TEA apresenta déficits na percepção dos estados mentais das outras pessoas, onde pressupõem-se que, esse reconhecimento envolve uma habilidade mental fruto de mecanismos cognitivos complexos (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Nas perspectivas de Dawson (1989) e Hobson (1986; 1989; 2010), temos a teoria afetiva que compreende o autismo com característica de incapacidade inata de estabelecer contato emocional com outras pessoas, já que elas não elaboram efetivamente as próprias emoções. A ausência, em sua maioria, do componente reciprocidade interfere em seu desenvolvimento, visto que sem a elaboração do eu e do outro, é difícil estabelecer interação, o que ocasiona falhas no reconhecimento das emoções e intencionalidade do outro, bem como em processos de abstração e simbolização.

Evidências científicas demonstram importantes diferenças entre indivíduos autistas, sobretudo, relacionadas às particularidades do seu desenvolvimento global. Assim, faz-se

necessário entender a relação desses componentes do funcionamento intrínseco do indivíduo e sua interação com o meio. Fomentando possibilidades eficientes e eficazes na dinâmica comunicação e interação, ensino e aprendizagem, conexão e desenvolvimento (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

2.3 AUTISMO E O PAPEL DAS DINÂMICAS PEDAGÓGICAS DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL

Devido às condições limitadas neurofuncionais e afetivas em crianças autistas, estabelecer interação delas com pessoas e ambientes é um trabalho desafiador (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Qualquer proposta de intervenção educativa desenvolvimentista deve esperar-se no poder da conexão afetiva entre o cuidador-criança e todos os profissionais, em especial, de saúde que estão envolvidos com o desenvolvimento dela (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

No tocante a relação professor-aluno, cuja preocupação é retirar a criança da condição de isolamento e permitir um ambiente rico em aprendizagens, qualquer que seja a programação desenhada, essa dependerá do firmamento de uma ação educativa que envolva respeito, paciência, vínculo afetivo de qualidade e pautado na necessidade da criança com TEA. Quanto mais significativa for essa relação, maiores serão as oportunidades de promover práticas inclusivas com respostas positivas (BEREOHFF, 1993).

Para um trabalho mais efetivo, deve-se investir em intervenções pautadas numa organização pedagógica, onde a subjetividade esteja presente. Significar dizer, faz-se necessário abraçar desejos, sentimentos, emoções e esquemas afetivos construídos ao longo do tempo, sob diferentes contextos de convivência pelas crianças com TEA (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Nessa perspectiva, estabelecer um processo educativo para a inclusão é evidenciar a importância singular da criança e desenvolver a sua autonomia e integridade intelectual, utilizando artifícios que permitam desenvolver suas potencialidades, habilidades e competências motoras. Pensando em garantir o bem-estar emocional, intelectual e comportamental das crianças autistas (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

A dinâmica pedagógica deve permitir ligações afetivas, de modo que a criança aprenda, desenvolva-se e consiga conectar-se da melhor forma possível com o mundo, dentro da sua limitação biopsicossocial (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

No Brasil, ainda é pouco conhecida, mas países como Estados Unidos e Inglaterra têm utilizado como base para as intervenções, a abordagem desenvolvimentista, essa por sua vez, compreende o desenvolvimento de crianças autistas sob comparação do mesmo processo, sendo de crianças neurotípicas, de modo a reverter ou amenizar dificuldades iniciais, minimizando as chances de desenvolver ao longo do tempo, outras dificuldades cognitivas, motoras e relacionais (FIORE-CORREIA & LAMPREIA, 2012).

Portanto, propostas que evidenciem a importância do vínculo afetivo para crianças com TEA, torna-se a base de todo trabalho construtivista pedagógico, e a maneira pela qual esse vínculo se estabelece, definirá o modo de integração desse sujeito no meio educacional e social. Sendo essa interação a principal via para fundamentar a construção do conhecimento de si próprio e do mundo (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

Vale ressaltar que, as demandas que permeiam o espectro autista transpõem por diferentes aspectos e abordagens. Compreender as dinâmicas e complexidades sobre como a criança autista se relaciona com o mundo é parte fundamental para a promoção do seu desenvolvimento global e processo de aprendizagem (PIECZARKA, VALDIVIESO, 2021).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um número expressivo de famílias no mundo convive com o Transtorno do Espectro Autista. De acordo com o Centro de Controle de Doenças (EUA), 1 a cada 36 crianças aos 8 anos é diagnosticada com TEA.

Diversas teorias tentam explicá-lo e amenizá-lo, por meio de tratamentos mais humanizados. Acredita-se que, quando o diagnóstico é realizado precocemente sob tutoria de uma equipe devidamente especializada, a criança autista conseguirá obter resultados significativos estritamente ligados ao comprometimento da fala, interação social e problemas comportamentais.

Um aspecto ressaltante para o tratamento eficaz do autismo sem dúvida é a afetividade. O carinho, cuidado, atenção e dedicação recebidas no ambiente familiar, influenciam de forma imprescindível ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e

consequentemente, comportamental, justamente por ser o primeiro e maior contato da criança com TEA no seu dia a dia.

Professores e Profissionais da Saúde, como por exemplos: Educação Física, Terapeutas Ocupacionais, Psicomotricistas e Fisioterapeutas também deverão dedicar igual sentimento à criança, estimulando-as e desafiando-as fora do ambiente doméstico. Enriquecendo, dessa maneira, o vínculo afetivo por meio de intervenções mais agradáveis e pensadas nas necessidades de cada criança com TEA.

É importante ressaltar que, o ser humano é dotado de forças cognitivas diversas, logo, não devemos realizar comparações equivocadas em crianças com TEA, mas, acreditar e investir em suas distintas habilidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. **As origens do autismo. Ler e Saber: Autismo.** São Paulo, Ano 1, n.1, p.6-7, 2015.

BARON-COHEN, S.; LESLIE, A. M.; FRITH, U. **Does the autistic child have a theory of mind?**. *Cognition*, v. 21, n. 1, p. 37-46, 1985.

BEREOHFF, A. M. P. **Autismo: uma história de conquistas.** Brasília, ano 13, n.60, p.11-24, out./dez, 1993.

BOSA, C. A. **As Relações entre Autismo, Comportamento Social e Função Executiva.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.14, n.2, p. 281-7, 2001.

DAWSON, G. **Beyond cognition: A theory of autism. Autism: Nature, diagnosis and treatment.** New York: Guilford Press. p. 22-48, 1989.

FIGUEIRA-CORREIA, O.; LAMPREIA, C. **A conexão afetiva nas intervenções desenvolvimentistas para crianças autistas.** *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO*, v.32, n.4, p.926-941, 2012.

HOBSON, R. P. **The autistic child's appraisal of expressions of emotion: a further study.** *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines.* v. 27, n. February, p. 671-680, 1986.

HOBSON, R. P. **The cradle of thought.** London: Macmillan, 2002.

HOBSON, R. P. **Explaining autism: Ten reasons to focus on the developing self. Autism: The International Journal of Research and Practice.** v. 14, n. 5, p. 391-407, 2010.

KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact.** *Nervous Chil.* v.2, p. 217-250, 1943.

LAMPREIA, C.; LIMA, M. M. R. **Instrumento de vigilância precoce do autismo: manual e vídeo.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

MARINO, E. A. R.; MERKLE, V. L. B. **Um olhar sobre o Autismo e sua Especificação.** 2009.

MOLLICA, F. B. F.; SANTOS, V. X. **A importância da afetividade para o desenvolvimento.** WEB Artigos, mar, 2017.

MONTE, L. C. P.; PINTO, A. A. **Família e autismo: Psicodinâmica familiar diante do Transtorno e Desenvolvimento Global na Infância.** 2015.

PIECZARKA, T.; VALDIVIESO, T. V. **Vínculo afetivo, aprendizagem e autismo: reflexões sobre a relação professor-aluno.** *Rev. Cognition*, Curitiba, Ago, v.3, n.1, pág. 59 - 77, 2021.

SCHMIDT, C. **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade.** Campinas: Papyrus, 2014.

SILVA, S. B. **O autismo e as transformações na família.** 2009.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.